

Análise dos Discursos Literário e Filosófico na Obra *O Mundo De Sofia*, de Jostein Gaarder

Edilene Ribeiro Batista¹

Resumo: Objetiva-se, neste trabalho, traçar uma análise dos discursos literário e filosófico na obra *O Mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder. Para tanto, partir-se-á da explanação de termos tais como discurso, literatura/literariedade com o intuito de, por meio da utilização de um suporte teórico, chegar-se, coerentemente, à análise prática e diferencial das expressões acima expostas.

Palavras-chave: Teoria da literatura, discurso literário, discurso filosófico.

1 INTRODUÇÃO

Ao se analisar o conceito de **discurso**, há que se observar os dois sentidos aplicados a esse termo: o genérico e o específico.

Em seu sentido genérico, discurso, etimologicamente, vem do latim *discursu(m)* e, por definição de dicionário, significa “qualquer manifestação concreta da língua”. Esse conceito está bem próximo do estabelecido pela linguística sobre esse mesmo termo. Jean Dubois estabelece, em seu *Dicionário de Linguística*, que “discurso é a linguagem posta em ação, a língua assumida pelo falante” (DUBOIS, 1993, p.192) e Massaud Moisés, no *Dicionário de Termos Literários*, acrescenta: “O vocábulo ‘discurso’ ostenta, segundo o contexto em que se inscreve, polivalência de sentido” (MOISÉS, 1995, p.152). Assim, segundo essa definição, pode-se afirmar que existem vários tipos de discurso: linguístico, filosófico, literário, entre outros. Entretanto, não há como negar que, independente de sua classificação, o discurso objetiva ensinar (*docere*), agradar (*delectere*), comover (*movere*).

Na tentativa de mostrar, poeticamente, como o discurso se constrói, é que João Cabral de Melo Neto escreve, em “Rios sem discurso”:

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água paralítica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dionísia:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins – UFT. É coordenadora do curso de Letras dessa instituição de ensino, no *campus* de Porto Nacional. E-mail:

Ihe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

O poema acima transcrito aponta para um discurso específico – o literário. Tal conclusão, entretanto, aponta para um questionamento: o que vem a ser literatura?

Etimologicamente, literatura deriva historicamente da palavra “litteratura”, que foi retirada de um substantivo grego. “Litteratura”, derivada do radical “littera” (letra), vem significar, segundo Vítor Manuel de Aguiar e Silva, “saber relativo à arte de escrever e ler, gramática, instrução, erudição [...]”. O litteratus [...] era o homem conhecedor da gramática, aquele que sabia desenhar e decifrar as letras e que, por isso mesmo, fruía de um privilegiado estatuto sócio-cultural” (SILVA,1988, p.02).

Em sentido genérico, dá-se o nome de literatura a toda produção escrita; entretanto, em seu sentido específico, o texto literário corresponde a “determinadas composições verbais em que a linguagem se apresenta elaborada de maneira especial, e nas quais se dá a constituição de universos imaginários ou ficcionais. Num nível ainda mais elevado de exigências metodológicas, deve-se dizer, enfim, que o objeto da teoria da literatura é constituído pela literariedade, isto é, o modo especial de elaboração da linguagem inerente às composições literárias, caracterizado por um desvio em relação às ocorrências mais ordinárias da linguagem” (SOUZA, 1995, p.47). Roman Jakobson, em 1919, já havia definido a literariedade como “aquilo que torna determinada obra uma obra literária”. Para Aristóteles e Horácio, a literariedade (ou “desvio da linguagem usual”) corresponde ao processo de estranhamento – característica presente na obra em análise. Sendo assim, em *O Mundo de Sofia*, ao lado do discurso literário apresenta-se um discurso filosófico. Esse hibridismo aponta para uma pluridiscursividade e para uma polifonia significativa. O resultado é a presença de várias vozes emanando do macrotexto.

Considerando que o livro em análise pode conduzir o leitor tanto ao campo estético-cultural quanto ao filosófico, é que se optou pela análise separada dos dois tipos de discurso que essa obra apresenta, elencando suas respectivas caracterizações, didaticamente, de forma enumerativa.

2 ANÁLISE E CARACTERIZAÇÃO DO DISCURSO LITERÁRIO EM *O MUNDO DE SOFIA*, DE JOSTEIN GAARDER

Encontram-se presentes na obra de Gaarder, as seguintes características do discurso literário:

01. O texto literário traz em si um caráter contextual. Ele tem entranhado em si uma história, uma intencionalidade e um sentido cultural. Ora, a obra de Jostein Gaarder narra a jornada de Sofia; a intenção do Autor é proporcionar ao leitor não só prazer estético, mas também transmitir-lhe, por meio de um enredo ficcional, uma noção da História da Filosofia; o sentido cultural da obra (ou seja, o princípio da

variabilidade) está estreitamente vinculado à cultura de um determinado país - a Noruega:

Sofia acordou na manhã seguinte com sua mãe entrando no quarto com a bandeja cheia de presentes. Numa garrafa de refrigerante vazia ela havia colocado uma bandeirinha da Noruega.
- Feliz aniversário, Sofia (GAARDER, 1995, p.330).

02. Estão presentes na obra em análise: ficcionalidade, invenção e imaginação. Associe-se a essas características a utilização, por parte do Autor, de uma linguagem emocional e catártica. Isso porque o valor do texto está no aspecto estético que ele possui. Nele, eleva-se o plano de expressão, enfatizando o conteúdo exposto no plano do significado. O resultado dessa aplicação é a manifestação de estados de alma por meio da expressão do belo:

Sofia desceu as escadas sem fazer barulho, vestiu o tênis e saiu para o jardim. No jardim tudo estava maravilhosamente calmo e banhado de luz. O canto dos pássaros era tão estridente que Sofia não pôde conter um sorriso. As gotas de orvalho rolavam pelas hastes da relva como pingos de cristal. E mais uma vez ela se encantou com o incrível milagre do mundo. (GAARDER, 1995, p. 93).

03. O discurso literário, concretização de uma arte - a literatura, pode utilizar metáforas, figuras de retórica, provocando um processo de desautomatização da linguagem por meio de associações inesperadas. Tal recurso aponta para a liberdade de criação:

[...] A alma experimenta, portanto, um “anseio amoroso” de retornar à sua verdadeira morada. A partir de então, ela passa a perceber o corpo e tudo o que é sensorial como imperfeito e supérfluo. Nas asas do amor, a alma deseja voar “de volta para casa”, para o mundo das ideias. Ela quer se libertar do cárcere do corpo (GAARDER, 1995, p.103).

04. No texto literário, o tempo e o espaço não são reais. Em *O Mundo de Sofia*, ainda existe uma peculiaridade - o tempo de Sofia não corresponde ao tempo de Hilde:

Querida Hilde!
Não sei se você estará comemorando o seu aniversário quando receber este cartão. Espero que sim. Se não estiver, tomara que seu aniversário não tenha passado muitos dias. Uma ou duas semanas para Sofia não significam necessariamente a mesma medida de tempo para nós (GAARDER, 1995, p.183 e 322).

05. A linguagem literária é conotativa (entretanto, a denotação aflora também no texto por meio do uso da linguagem comum. Afinal, o sentido do texto correlaciona-se com o ambiente linguístico em que os termos se inserem); abunda em ambiguidades; contém acidentes históricos, recordações, associações. Historicamente analisando, a obra *O Mundo de Sofia* está permeada de situações filosóficas reais; mas as recordações “irreais” também são usuais no romance em foco. Isso porque literatura é recriação, fingimento da realidade.

O mundo da literatura é o mundo do possível; a ficção faz uma transfiguração, uma transmutação do real. Nesse processo, o princípio da verossimilhança, da verdade aparente passa a atuar, pois é ela que “remete a uma realidade dos homens e do mundo” (PROENÇA FILHO, 1995, p.07). A linguagem torna-se o meio pelo qual se manifesta essa imitação e/ou reprodução da natureza (o que corresponde ao princípio aristotélico da mimeses), pois que “o discurso ficcional pode produzir a ilusão de ser verídico, daí a ilusão mimética” (MEYER, 1994, p.115). Sofia, por exemplo, existe a partir de sua presença no texto. Para convencer o leitor dessa pseudo-realidade, o Autor utiliza: a) fala coloquial, em nome de um efeito expressivo que demonstre naturalidade, afetividade; b) recorrência ao diálogo, para dar maior autenticidade ao texto; c) caracterização, configuração da personagem, preponderando a imagística, a visualização; d) realidade apoiada em vivências humanas:

Sofia Amundson nunca estava muito satisfeita com sua aparência. Com frequência ouvia que tinha lindos olhos amendoados, mas provavelmente lhe diziam isto orque seu nariz era pequeno demais em relação ao tamanho da boca. O pior de tudo eram mesmo os cabelos lisos, que não tomavam forma nenhuma. (GAARDER,1995, p.15)

Na obra *O Mundo de Sofia* há, ainda, questões que a vinculam à realidade objetiva, garantindo sua verossimilhança. Há, também, situações que a ligam ao maravilhoso mágico, afastando o conteúdo desse romance de todos os pressupostos inerentes ao mundo lógico. São exemplos disso: a imagem do espelho que pisca com os dois olhos; uma mensagem na casca da banana; o cachorro Hermes que fala; a serpente marinha que surge no lago; os aparecimentos de Chapeuzinho Vermelho e de Aladim:

Alberto nem tinha concluído a sua frase quando um jovem saiu correndo da floresta. Ele usava roupas árabes e um turbante. Na mão tinha uma lâmpada a óleo.

[...]

- Eu me chamo Aladim e venho do Líbano.

[...]

O jovem esfregou a mão na lâmpada e de dentro dela começou a sair uma grossa nuvem de fumaça, que aos poucos foi-se numa figura masculina de barbas pretas como as de Alberto e uma boina azul. Pairando no ar sobre a lâmpada, a figura disse:

- Você está me ouvindo, Hilde? Acho que já é tarde demais para desejar novamente feliz aniversário. Só quero dizer que Bjerkeley e o Sul da Noruega surgem diante dos meus olhos como uma terra encantada... (GAARDER, 1995, p.378, 379).

06. A multissignificação é outra característica literária presente no livro em análise. Segundo Domício Proença Filho, “a permanência de determinadas obras se prende ao seu alto índice de polissemia, que as abre às mais variadas incursões e possibilita a sua atemporalidade” (PROENÇA FILHO, 1995, p.40). O texto em foco propicia várias leituras. Dentre elas, a possibilidade dele ter sido escrito por um certo “major” ou por “outro escritor”:

...Talvez o major também não passe de uma sombra num livro que conta a história dele e de Hilde, e também a nossa, é claro, pois somos uma pequena parte da vida deles.

[...]

- Mas é perfeitamente possível que outro autor esteja em algum outro lugar escrevendo um livro sobre o major Albert Knag, do Regimento da ONU, que escreve um livro para sua filha Hilde. Este livro trata de um certo Alberto Knox, que de repente começa a mandar modestas lições de filosofia a Sofia Amundsen em Kloervervein, 03. (GAARDER, 1995, p.382).

Como o texto literário possui macrocoerência, um significado global, só será possível desvendar o mistério de *O Mundo de Sofia* por meio da leitura de um todo orgânico, a saber, a própria obra.

07. A *intencionalidade* é perceptível na obra; afinal, “... quaisquer que sejam as circunstâncias, os textos veiculam implicitamente uma crença” (MEYER, 1994, p.115). Sendo assim, o livro em análise explicita uma crítica ao machismo, bem como expõe a ideologia do major, quer em suas próprias palavras, quer nas palavras da sua filha Hilde. Isso porque a prosa, linguagem própria da argumentação, de acordo com Estêvão Cruz, dirige-se à inteligência, de preferência. Por vezes, o texto não se limita apenas ao “que diz; quer ainda influenciar a atitude do leitor, persuadi-lo e, em última instância, modificá-lo” (WELLEK;WARREN, 1955, p.29):

Se você simplesmente balança a cabeça e não se sente nem como criança, nem como filósofa, a explicação para isto é que você já se acostumou tanto com o mundo que não consegue mais se surpreender com ele. Neste caso, você corre perigo. E justamente por medida de segurança, para evitar que isto aconteça, é que você está recebendo este curso de filosofia. Eu não quero que justamente você passe a pertencer ao clube dos apáticos e indiferentes. Quero que você viva uma vida instigante (GAARDER, 1995, p.30).

3 ANÁLISE E CARACTERIZAÇÃO DO DISCURSO FILOSÓFICO EM *O MUNDO DE SOFIA*, DE JOSTEIN GAARDER

O discurso filosófico também se faz presente na obra em análise. René Wellek e Austin Warren afirmam que “a literatura pode ser tratada como documento da história das ideias e da filosofia, porquanto a história da literatura é paralela à história do intelecto e reflete-a” (WELKEK; WARREN, 1995, p.136).

Considerando a possibilidade de entrelaçamento da Literatura com a Filosofia; atentando para o fato de ser *O Mundo de Sofia* um romance literário com problemática filosófica (ou seja, um “romance de ideias”, um “romance de tese”, um “romance metafísico”) é que analisaremos as características do discurso filosófico presentes nesta obra, seguindo a metodologia anteriormente adotada neste trabalho quando da análise do discurso literário, a saber: o aspecto enumerativo.

01. O discurso filosófico não é retórico, sua linguagem apresenta-se sem recursos técnico-estilísticos. Isso porque ele não possui sentido estético. Sua função é utilitária - informar, convencer, explicar, documentar, entre outros. Portanto, a ênfase é dada ao significado, ao conteúdo:

- Os filósofos iluministas diziam que somente quando a razão e o conhecimento se tivessem difundido entre todos é que a humanidade faria grandes progressos. Era apenas uma questão de tempo para que desaparecessem a irracionalidade e a ignorância e surgisse uma humanidade iluminada, esclarecida. Este pensamento dominou a Europa ocidental até há poucas décadas. Hoje não estamos assim convencidos de que o progresso do conhecimento leva necessariamente a melhores condições de vida. Mas esta crítica da “civilização” já tinha sido feita pelos próprios filósofos do Iluminismo (GAARDER, 1995, p.338).

02. A linguagem é denotativa e o signo, arbitrário. Esse tipo de discurso pende para o científico, para o universal. Sua finalidade é veicular conteúdos:

...Há muitos paralelos entre o Renascimento e o Romantismo. Um deles é a importância que se dá ao papel da arte no processo de conhecimento humano. Nesse ponto, a contribuição de Kant foi muito importante. Em sua estética Kant investigou o que acontece quando somos arrebatados por algo de belo. Uma obra de arte, por exemplo. Quando nos voltamos para uma obra de arte sem qualquer outro interesse senão o de “vivenciá-la” mais intensamente possível, nós ultrapassamos as fronteiras do que podemos “saber”. Ultrapassamos, portanto, as fronteiras de nossa razão (GAARDER, 1995, p.369).

03. O discurso filosófico está “preocupado sobretudo com a plena clareza da comunicação nele veiculada e com a obediência às normas usuais da língua (PROENÇA FILHO, 1995, p.38). Exemplo disso, temos:

Por filosofia entendemos uma forma completamente nova de pensar, surgida na Grécia por volta de 600 a.C. Antes disso, todas as perguntas dos homens haviam sido respondidas pelas diferentes religiões. Essas explicações religiosas tinham sido passadas de geração para geração através dos mitos. Um mito é a história de deuses e tem por objetivo explicar por que a vida é assim como é. (GAARDER, 1995, p.34, 35).

04. Há, no discurso filosófico, uma relação imediata com o referente. Ele retrata uma realidade efetivamente existente de forma transparente:

A designação da palavra “barroco” tem sua origem numa palavra que na verdade significa “pérola irregular”. Típicas para a arte do Barroco foram as formas opulentas, cheias de contrastes [...]. O século XVII foi particularmente marcado pela tensão entre opostos irreconciliáveis. De um lado, continuava a existir a visão de mundo do Renascimento, otimista e de exaltação da vida; de outro, o extremo oposto desta visão também encontrava muitos adeptos, que preferiam abraçar uma vida de reclusão religiosa e de negação do mundo. Tanto na arte quanto na própria vida encontramos uma verdadeira opulência de formas expressivas. Ao mesmo tempo, observamos nos mosteiros o surgimento de movimentos cujo objetivo era o isolamento do mundo (GAARDER, 1995, p.245).

05. O texto filosófico é metafísico, dialético, lógico, argumentativo, dissertativo, explanativo e coerente. Sua fonte são os filósofos. Sua linguagem é de especificidade. Sua retórica, racional:

- Pois Berkeley não duvida apenas da realidade material. Ele duvida também que o tempo e o espaço possuam uma existência absoluta ou autônoma. Nossa percepção de tempo e espaço pode estar apenas em nossa consciência. Uma ou duas semanas para nós não precisam ser necessariamente uma ou duas semanas para Deus...
- Você disse que para Berkeley este espírito, no qual tudo existe, é o Deus cristão.
- Sim, acho que disse. Mas para nós...
- Sim?
- ... para nós esta vontade ou este espírito que age sobretudo e por meio do qual tudo existe pode ser o pai de Hilde (GAARDER, 1995, p.305).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise efetuada vem comprovar que é possível correlacionar discursos diferentes em uma mesma obra.

A compreensão do texto analisado foi possível graças à sua desconstrução e à aplicação metodológica de categorias de inteligência associadas ao simples prazer de ler o texto. Por fim, *O Mundo de Sofia* atende ao expresso por Horácio ao afirmar que a arte deve ser doce e útil, pois o romance de Gaarder, além de nos ensinar, provoca-nos deleite a cada página lida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUBOIS, Jean. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia: romance da história da filosofia*. Tradução: João Azenha Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MEYER, Michel. *Linguagem e literatura*. Lisboa: Usus Editora, 1994.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- PROENÇA FILHO, Domício Proença. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 1995.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1988.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. *Teoria da literatura*. São Paulo: Ática, 1995.
- WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. Tradução: José Palla e Carmo. Lisboa: Publicações Europa-América, 1955.